

“As desigualdades sociais fazem mal à saúde”



Encontro decorreu na Casa da Cidadania da Língua

●●● Há uma “constatação avassaladora” de que “uma parte das condições de saúde dos indivíduos depende das condições de trabalho”, lamentou ontem o docente da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, João Amaral Rodrigues.

Num encontro que teve ontem lugar na Casa da Cidadania da Língua, em Coimbra, promovido pela Comissão de Igualdade da CGTP, o também investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) afirmou que os “determinantes sociais da saúde” são afetados pelo sistema neo-liberal, “enquanto processo de transformação das sociedades e do sistema político”, que João Amaral Rodrigues avaliou como “profundamente negativo”.

Más condições de trabalho conduzem à doença

A relação de causa/efeito que existe entre as condições do emprego e a

saúde dos trabalhadores foi o principal tema de um debate em que foram apresentados os dados referentes aos salários no distrito de Coimbra e o acesso local aos cuidados de saúde.

De acordo com “a caracterização da situação económica e social do distrito de Coimbra”, o ganho médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem é inferior à média nacional – 1.289,5 euros em 2021, quando foi feito este estudo, mas atualmente de 1.505 euros – em todos os 17 concelhos deste território, embora com grandes assimetrias.

Grande assimetrias salariais por concelho

No concelho de Coimbra na sede do distrito são apenas menos 24 euros e na Figueira da Foz menos 29 euros do que a média nacional, mas em Góis são menos 412,7 euros e na Pampilhosa da Serra menos 347,5 euros.

Estas condições sala-

riaes associadas à distância aos centros de saúde e hospitais faz baixar a qualidade de prestação de cuidados médicos e, por consequência, mais doenças e menos esperança de vida.

O panorama de acesso à saúde no concelho de Coimbra é completamente diferente, com a existência de quase 35 médicos por cada mil habitantes, enquanto a média nacional é de menos de seis médicos por mil habitantes, e em Góis e Pampilhosa da Serra é inferior a um.

João Amaral Rodrigues sintetizou que “as sociedades mais desiguais são as que têm menores resultados de saúde”, partilhando duas ideias de autores americanos que investigam a relação entre a economia e a saúde: “a austeridade mata” e há um aumento de “mortes por desespero”, um fenómeno da última década que começou nos EUA e que afeta mais os ho-

mens, relacionado com falta de objetivos de vida e consumos de droga e álcool.

A saúde física e mental dos trabalhadores

A questão da saúde mental nas relações laborais foi outros dos temas que o docente da Faculdade de Economia da UC colocou em debate, relacionado não só com situações de burnout laboral, mas também com falta de autonomia dos trabalhadores, concluindo que “o movimento sindical tem todo o interesse na visibilidade pública que se está a dar à questão da saúde mental, que é um alerta”.

Francelina Cruz, da Comissão de Igualdade da CGTP dirigiu-se aos cerca de meia centena de participantes para explicar que “o encontro é dirigido a representantes sindicais, para que levem daqui mais conhecimentos para os seus locais de trabalho”. | **António Rosado**